

HANS CHRISTIAN ANDERSEN E O PODER TERAPÊUTICO DOS CONTOS DE FADAS

Paula Isabel Santos

Mestre Assistente

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

psantos@ufp.pt

Com Andersen entramos nos contos de fadas, um mundo eterno que nos oferece uma peregrina oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento. Possuindo uma mensagem vital para a criança e para a criança dentro de cada adulto, os contos de fadas são uma plataforma de crescimento. Os contos de Andersen abordam temas que se estendem para lá do circunstancial. Sendo o grande homem, como dizia Mêncio, aquele que não perde o coração de criança, os contos infantis tornam mais encantador o projecto do crescimento.

A imaginação é mais importante que o conhecimento.

Albert Einstein

1. INTRODUÇÃO

Para encontrar um sentido para a sua vida a criança tem que aprender passo a passo a compreender-se melhor a si própria, assim ficará mais apta a perceber melhor os outros. Esta tarefa, a tarefa de crescer, aprender e ser feliz, fazendo parte de um grupo social, nem sempre se revela fácil. Assim e nesta tão digna missão entram, segundo Bettelheim (1999), por ordem de importância: pais, sociedade, educadores, herança cultural, sendo que a última fazem parte a literatura infantil, saberes transmitidos e infiltrados.

Os contos de fadas, ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massas, mas ensinam muito acerca dos problemas interiores, das exigências de qualquer sociedade, alimentam os recursos internos das crianças, potenciando as suas capacidades e a sua aprendizagem e crescimento enquanto pessoa (ibid).

Serão analisados alguns dos contos de Andersen com o objectivo de exemplificar o seu enorme poder terapêutico e pedagógico.

2. HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Hans Christian Andersen, escritor dinamarquês, nasceu a 2 de Abril de 1805, filho de um sapateiro pobre, na cidade de Odense, tendo falecido a 4 de Agosto em Rolighed, rodeado de atenções, dignas do rei do povo. Teve uma infância difícil: para além de ascendência muito modesta, era feio, contando ainda na sua puberdade com a morte do pai. Contudo, digno de uma coragem e perseverança heróicas, conseguiu fazer com que a sua vida se transformasse ela própria num conto de fadas (Hans Christian Andersen Foundation).

Foi durante a sua vida condecorado com ordens dinamarquesas e estrangeiras, por reis e príncipes, tendo realizado 30 viagens ao estrangeiro, entre as quais se conta visita a Portugal em 1866. Dir-se-ia que a sua vida, se transformou ela própria num conto de fadas, fazendo justiça à mensagem de que a perseverança, honestidade e coragem fazem ir mais longe, nos iluminam o caminho dos sonhos.

Com os seus contos aprendemos de forma subtil que a frustração faz parte da vida. As derrotas andam associadas às vitórias, e só sabendo lidar com os fracassos se consegue crescer.

E por detrás de tudo encontra-se uma personalidade de escritor natural, que não buscará aqui apoio em fórmulas: o rapaz pobre, o espírito do escritor rico e rico em con-

trastes que, com a ascensão social, ganhou amizades e reputação internacional, ficou só e teve de lutar por tudo o que obteve, e buscou suplantar o que ele necessariamente quis sentir ou lembrar (DaI, E., 2001, p. 10).

No seu funeral, foi cantada a canção: "Like The Leaf, Falling From The Tree Sleep" Weary child, sleep tight/never again frightened and wounded), escrito por Carl Ploug para a ocasião (H.C.A Foundation).

*Nasceu pobre, mas morreu rodeado de nobres .
A obra de Andersen leva-nos a sorrir, desperta-nos maravilhas.*

My life is a beautiful fairytale, so eventful has it been and wondrous happy. Even if, when I was a boy and went forth into the world poor and friendless, a good fairy had met me and said, "Choose thy own course through life and the object for which thou wilt strive, and then, according to the development of thy mind, and as reason requires, I will guide and defend thee," my fate could not have been more wisely and happily directed. The story of my life will tell the world what it tells me: - There is a loving God who directs all things for the best" [Hans Christian Andersen Museum].

Na sua lápide está escrito o seguinte excerto de um dos seus poemas: The Old Man, 1874

*The soul which God in his image created,
Is incorruptible, can not be lost.
Our life on earth is the seed of eternity,
Our body dies, but the soul can not die!*
(Andersen, 1874, cit. in Myilus, 2005)

Andersen morreu, mas as sua mensagem está viva, e volvidos 200 anos sobre o seu nascimento continua a ser actual, continua a maravilhar e a motivar quer leitores quer realizadores de cinema. Talvez porque aborde temas e áreas que independentemente das raças, cultura ou condição social são transversais a todos os homens, e encontram eco no imaginário infantil e adulto, independentemente dos quadrantes.

3. OS CONTOS DE FADAS

Os contos de Andersen contêm verdades universais, sobre a natureza humana, tais como a vida, a morte, a doença, a felicidade, a solidão e o encontro. Verdades sobre nós próprios e sobre a nossa relação com os outros, tais como o ciúme, a inveja a ganância a vaidade, a jus-

tiça e a paz. Andersen olha para o homem e para aquilo que dentro dele existe, sem filtros e sem omissões. Olha para o bem a para o mal, mas fê-lo de uma forma tão encantadora que dele retiramos material para crescer, para aprender a ser mais justos e a respeitar o próximo, sem que isso se torne chato ou absurdo.

Um dualismo formou-se nos seus contos, não no sentido da realidade e fantasia românticas, mas sim dos mundos infantis e dos grandes, dos seres humanos e não humanos, e este dualismo deve ser considerado em forma artística uma contribuição notável para a literatura contista europeia. É assim que o sobrenatural dos contos populares deve parecer natural, o amor e a sensualidade não sendo ignorados... Andersen abraçou os ideias do seu tempo, acentuando o louvor da piedade e da fé em Deus, contudo indicando-lhe os limites e exageros [Duarte, 2000, p. 13].

Porque a vida também é desconcertante, a criança necessita compreender-se para compreender o mundo. Precisa de ideias sobre o seu papel no mundo, ideias sobre como dar sentido à sua vida, independentemente de existirem realidades boas e más.

Os contos de fadas transmitem significações quer latentes quer manifestas – dirigindo-se simultaneamente a todos os níveis de personalidade. São portadores de mensagens importantes para o psiquismo (consciente-pré-consciente_inconsciente)

Falam ao *ego* – encorajando o seu desenvolvimento – aliviam tensões pré-conscientes ou inconscientes – dão crédito às necessidades e tensões mostrando caminhos que alimentam quer o *super-ego*, quer o *id* quer o *ego*.

A criança necessita perceber o que se passa no seu inconsciente para poder perceber o consciente – desta forma o material inconsciente é trabalhado sem culpas e sem receios.

Os contos de fadas ajudam as crianças a lidar com os dilemas existenciais: Nem todos os homens são bons. Nem todo o homem é bom ou mau, existem conflitos e pulsões latentes que são contraditórias e com as quais teremos que aprender a viver. Esses conflitos, essa dualidade, é dificilmente compreendida, sobretudo quando se é criança. Os contos de fadas ajudam a lidar com a dualidade psíquica que Freud descreveu como o Instinto de vida e instinto de morte.

Nem todo o homem é sempre bom (a natureza dualística do homem é incompreensível para a criança). A fonte de muitos males do mundo parte do próprio homem. Queremos que as crianças acreditem que todos os homens são bons. Mas as crianças apercebem-se de que **nem** os pais são **sempre** bons.

A própria criança não é sempre *boa*. Esta realidade não é fácil de admitir, a criança não sabe como lidar com ela, acarreta sentimentos de culpa, conflitos edipianos, rivalidades fraternas (Bettelheim, 1999).

A cultura dominante deseja fazer crer que o lado sombrio do homem não existe. O que faz com que a criança se veja por vezes a si própria como um monstro, pois considera que quando é má, ou tem comportamentos menos adaptativos, isso só acontece com ela.

A própria psicanálise é vista como tendo por fim facilitar a vida ao homem, contudo, Freud pretendeu passar a mensagem de que só através da luta corajosa e que o homem consegue ultrapassar as esmagadoras realidades da vida (a morte) – encontrar um sentido. A psicanálise introduz as temáticas inerentes ao desenvolvimento infantil: Vida, Amor e Morte (Freud, 1920, 1926).

Em quase todas as histórias aparece alguém que morre (normalmente a princesa) que posteriormente é ressuscitada pelo amor, produzindo desta feita uma mensagem: As dificuldades fazem parte da vida, é necessário lutar para tentar obter a felicidade, é necessário ter tolerância à frustração. Não se pode desistir, a criança precisa de simbolicamente lidar com as adversidades .A criança precisa de “crescer” aprendendo a vencer simbolicamente os obstáculos. As história “inócuas” não mencionam a morte nem a velhice, os limites da nossa existência ou o desejo de uma vida eterna. (Bettelheim, 1999).

4. OS CONTOS DE ANDERSEN

Os Contos de Andersen não se coíbem de identificar aspectos menos positivos da natureza humana e da própria sociedade . São uma egrégia admoestação do que o homem consegue fazer: o bem e o mal. Remetem-nos para o desamparo do ser humano, para os limites entre a vida e a morte. Para o caminho que é necessário percorrer até encontrar a felicidade.

Hans Christian Andersen possui algo a oferecer para cada um de nós. (Hans Christian Andersen Foundation).

Pioneiro na literatura infantil, criou contos de uma riqueza literária desprovida de moralismos, utilizando uma linguagem do quotidiano, acessíveis à leitura de crianças e de adultos. Os contos de Andersen abordam questões existenciais do ser humano, tais como: vida, morte, injustiça, inveja, amizade, piedade, rancor, coragem, amor. por vezes os seus contos usam do humor para passar a mensagem . (Parreira, N, 2005).

Os contos de fadas , contados e recontados transmitem simultaneamente significados e significações latentes e manifestas dirigindo-se a personalidade da criança como um todo lidam com problemas universais, aliviando as lutas entre ego- id e super-ego.

A literatura é uma ferramenta importante no contexto clínico (Freud, S, 1994).

Através dos contos de fadas as crianças podem estruturar os seus devaneios, as suas angustias sem entrar em conflito com o outro. Qual a criança que não gosta de ouvir um conto de fadas?

Queremos poupar as crianças contra algumas verdades, fazendo-lhe crer que nós adultos somos sempre bons – embora as nossas atitudes nem sempre o mostrem. Diz-se frequentemente à criança: não se mente, contudo apanham-nos em mentiras, no dia a dia, por mais inofensivas que sejam.

Imaginamos a angustia que lhe causará dizer que é feio mentir, é feio querer os brinquedos do irmão/a, é feio ter ciúmes, quando todos os adultos sabem que sentimentos menos negativos fazem parte de ser humano.

Assim, se a criança tem na escola um colega que “tira” melhor nota, que é elogiado pela professora, se em casa os pais parecem dar mais atenção ao irmão que está doente, ou a bebe recém –nascido, não nos é difícil imaginar que angústias trará a criança dentro de si, que lutas trava enter o id e o super-ego.

Os contos de fadas ajudam a ultrapassar problemas, feridas narcísicas resultantes dos conflitos edipianos, das rivalidades fraternas. A criança precisa de compreender o seu consciente para que possa lidar com o inconsciente sem que isso seja demasiado penoso.

Os contos de fadas oferecem à imaginação da criança novos conteúdos, novo material que lhe estimula a imaginação e a capacidade auto organizativa. Não são poupadas angústias sem nome, pois elas (angústias) não pouparão a criança, mas por isso e talvez por isso os contos de fadas contêm figuras boas e más, figuras bonitas e feias, bruxas e fadas, morte e nascimento, casamento e viuvez. (Bettelheim, 1999).

A cultura dominante teima em se apresentar como “boa” escondendo, parafraseando Rui Veloso, o lado lunar.¹ Mas basta-nos ouvir ou ler as notícias para sabermos que assim não

¹ Canção de Rui Veloso “Lado Lunar” Composição: Carlos Tê / Rui Veloso

é. Basta-nos olhar para dentro de nós para percebermos que por vezes coabitam no nosso imaginário sentimentos positivos e negativos.

Os contos passam essa mensagem: que as dificuldades da vida são inevitáveis, que as perdas são tão certas como as vitórias, mas ainda assim existe no fim uma mensagem de esperança, uma mensagem de coragem uma determinação em ser feliz.

A criança precisa de sugestões simbólicas, para lidar com as dificuldades da vida, a morte a pobreza, a solidão e a velhice, são faladas.

Muitos contos de fadas começam com a morte, do pai ou da mãe.

A criança identifica-se com o herói, com as suas lutas, com as suas dificuldades, sofre com ele e no final se ele vence, sente-se vitoriosa.

A virtude ganha no final, mas não é isso que prende a criança, e sim o facto de o herói ser simpático. Nos contos de fadas as personagens não são ambivalentes, ou são boas ou são más. (não existe a ambivalência real) Isso permite a criança compreender a diferença entre caracteres, sem a ambivalência da vida real, mais tarde ,quando ela já tem um base identificatória mais firme, compreenderá isso facilmente.

A criança identifica-se com a boa personagem não por pensar: Quando for grande quero ser bom, ter bom carácter, mas antes porque pensa quando for grande quero ser assim.

“Se esperarmos viver não somente de momento a momento, mas na plena consciência da existência, então a nossa maior necessidade é a nossa mais difícil realização e encontrarmos um sentido para as nossas vidas” (Bettelheim, p. 9).

O sentido da vida não se adquire repentinamente, é um processo maturativo resultante de uma longa evolução. “Contrariamente ao mito antigo, a sabedoria não irrompe plenamente desenvolvida, como Atenas da cabeça de Zeus; e constituída passo a passo, a partir das origens mais irracionais.” (idd, p.9)

Encontrar um sentido na vida, fazer a vida fazer sentido e das mais nobres tarefas da educação. Educar não é interiorizar conceitos abstractos que nada nos dizem E necessário desenvolver os nossos recursos interiores.

Para que uma historia possa prender verdadeiramente a atenção da criança, é necessário que desperte a sua curiosidade, o seu interesse, mas para que se torne verdadeiramente

enriquecedora ela tem que estimular a sua imaginação. Tem que estar em sintonia com as suas angustias, sem as escamotear mas ajudando a criança a encontrar soluções. Soluções essas que sejam reais, mas o mesmo tempo maturativas, imbuídas de sentido e de crescimento.

5. ALGUNS CONTOS

O Guardador de Porcos

Era uma vez um príncipe pobre, senhor dum domínio pequeno, mas não tão pequeno que não pudesse casar-se. E era isso que desejava.

Foi realmente uma grande audácia da sua parte o dirigir-se a filha do Imperador e perguntar-lhe: “Queres casar comigo?” (...) Junto á sepultura do pai deste príncipe havia uma roseira, e que linda roseira! Floria a penas de 5 em cinco anos e só dava uma flor, uma rosa que exalava um odor tão suave que, ao cheirá-la, se esqueciam todo os desgostos e preocupações. Possuía ainda o príncipe um rouxinol que cantava tão bem que se podia dizer estarem na sua garganta todas as melodias concebíveis. Pois a rosa e o rouxinol seriam oferecidos à princesa (...)

Ai! Papá! _ Disse ela._ Não é artificial, e natural!

_Vejamos primeiro o que esta na outra caixa antes de nos zangarmos! Aconselhou o imperador (...) “Superbe”! “Charmant”! – exclamaram as damas de honor, pois todas falavam francês, cada qual pior que as outras.

Mas ele não desencorajou. Enfarruscou a cara, puxou o barrete para os olhos e foi bater à porta do palácio.

_ Bom dia, imperador_ disse ele, _ não haverá aqui no palácio qualquer trabalho para mim?

_ Bem, vêm aqui tantos pedir trabalho _ respondeu o imperador, mas deixe-me ver! Necessito de alguém que cuide dos porcos, pois temos muitos! (...)

mas o que é isto aqui! _ exclamou ele, ao ver que a princesa estava a dar beijos ao porquero. (...) mandou expulsar do seu reino tanto a princesa como o porquero (...)

Ai que desgraçada sou! _ dizia a princesa._ porque não aceitei eu aquele bonito príncipe! Que infeliz sou!

(...) _ Agora sou eu que te desprezo! _ disse ele. _ Não quiseste um príncipe digno. Não foste capaz de apreciar uma rosa e um rouxinol, mas beijas-te o porquero só para obteres um brinquedo! Pois fica-te com ele!

(Andersen, 2005, pp. 151 - 4).

Se analisarmos as últimas palavras do príncipe, percebemos que apesar da história não terminar com a famosa frase: “E viveram felizes para sempre” O príncipe desperta em nós simpatia, pois revela-se astuto, e sobretudo correcto, é uma personagem simpática, com a qual a criança se identifica, interiorizando desta forma que a nobreza de carácter está acima de qualquer reino e qualquer riqueza. Independentemente de este conto se ter passado “em tempos que já lá vão”, como aliás todos os contos de fadas, ele passa-se sobretudo na actualidade, por não cair nos limites do circunstancial. Os bens materiais sempre “tentaram” o carácter, agora talvez mais do que nunca.

A Sereiazinha

Mas as sereias não têm lágrimas e assim sofrem muito mais.

[...]_Quando fizerem 15 anos_ disse a avó, receberão autorização de subirem à superfície do mar, para se sentarem ao luar nas rochas e ver os grandes navios navegando ao largo, e bosques e cidades hão-de vir a ver!”

“Mas quando, agora, como moças crescidas, já tinham autorização de subir ca acima quando queriam, tornou-se-lhes isso indiferente, ansiavam de novo pelo lar. “Nos podemos durar trezentos anos, mas quando deixamos de existir, transformamo-nos apenas em espuma na água, não temos mesmo uma campa aqui em baixo entre os entes queridos. Não temos nenhuma alma imortal, não temos mais vidaDaria todos os meus trezentos anos que tenho a viver para ser apenas por um dia um ser humano e depois participar no mundo celestial. (Andersen, 2005, pp. 63-64)

Interessante, tal como o jovem adolescente a quem são permitidas já certas liberdades, a criança percebe ao ler ou ouvir a história que a sua “limitação tem sobretudo a ver com a protecção, sendo ainda muito nova, tal como as serias, não pode ausentar-se para longe, pois corre perigos. Por outro lado, esta histórias, entre outras mensagens implícitas contém a mensagens sobre os afectos, ou seja, chorar é bom, por isso o autor refere que as serias não choram, sofrendo muito mais com isso.

Fala ainda abertamente da morte, da imortalidade e refere que quando se é amado, se consegue conquistar simbolicamente a morte, já que se adquirem qualidades humanas, adquire-se a imortalidade da alma.

Desta feita a criança consegue superar a angústia de morte, que sabemos ser um conceito que se torna claro, dos 6 aos 9 anos, ou seja, a partir desta idade a criança adquire a noção da irreversibilidade da própria morte, mas com esta história, com esta explicação, isso não será motivo de angústia, uma vez que alimenta o que Lifton (1979) designa de “Desejo de Imortalidade Simbólica”.

A rapariguinha dos fósforos

Estava terrivelmente frio. Nevava e tinha começado a fazer noite escura. Era também a última noite do ano, véspera do Ano Novo. Naquele frio e naquela escuridão, caminhava pela rua uma rapariguinha pobre de cabeça descoberta e pés descalços. (...) Ali ia agora a rapariguinha de pézinhos descalços, que estavam já roxos de frio. Num avental velho levava uma quantidade de fósforos e na mão um molho deles. Ninguém lhe comprara nenhuns todo o dia, ninguém lhe dera um pequeno xelim! Com fome e gelada caminhava, e tão infeliz a pobrezinha! Flocos de neve caíam-lhe sobre os longos cabelos loiros, que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço, mas a pobre não pensava nisso. (p. 235)

Riscou outra vez na parede um fósforo, que iluminou à volta, e no seu fulgor estava de pé a velha avó, tão clara, tão luminosa, tão doce e feliz. (...)

Levantou a rapariguinha nos braços e ambas voaram em esplendor e júbilo tão alto, tão alto! E ai não havia frio, nenhuma fome, nenhum medo.... Encontrava-se, sentada na madrugada fria, a rapariguinha com as faces vermelhas e um sorriso na boca... Morta, enregelada na última noite do velho ano. A manha do Novo Ano ergueu-se sobre o pequeno cadáver, sentado com os seus fósforos, um punhado dos quais quase queimado. Quis aquecer-se! Disseram. Ninguém soube que coisas belas viu, nem que esplendor ela e a avo tinham entrado no júbilo do Ano Novo! (Ibd, pp. 235, 236)

Aqui, Andersen expõe sua personagem às situações mais duras de sofrimento: fome, indiferença, solidão, rejeição, inveja e carência. Não poupa a alma humana, expondo ao leitor às nossas fraquezas e conflitos, inserindo todos estes sentimentos, numa narrativa fantástica e envolvente.

A rapariguinha dos fósforos nasce pobre, e sozinha enfrenta a vida, as adversidades, a exclusão. Cega à sua luta pela sobrevivência, esta a sociedade. No conto são ténues os limites entre a vida e a morte. A indiferença social e chocante (ninguém repara nela), apenas um rapazinho, que lhe levou uma das suas chinelas. A sua difícil situação leva-a a ter alucinações para enfrentar a morte (o pinheiro a avo). E a sua fantasia que lhe garante a “salvação” a libertação para um mundo melhor. Tal como na moderna sociedade de massas, onde o corrupção e o egoísmo se cruzam com a indiferença.

Andersen reflecte nos seus contos o clima de pobreza e solidão que viveu. Os seus escritos funcionam como uma radiografia do inconsciente, revelando por meio de metáforas metamorfoses e conflitos do ser humano, os limites do homem traduzidos em conflitos sub-

jectivos. A escrita parece, assim, ser um meio de expressão dos limites da realidade e da fantasia, exactamente por trazer nas entrelinhas verdades sobre o ser humano. A morte não é punitiva, antes é vista como redentora (Parreiras, N, 2005).

O Patinho Feio

(...) Ouve, camarada!_ disseram eles._ Tu es tão feio, que posso bem gostar de ti! Queres vir connosco e ser ave de arribação? (...)

Sentia-se perfeitamente feliz, mas de nenhum modo orgulhoso, pois um bom coração nunca fica orgulhoso! Pensava em como fora perseguido e ofendido e ouvia agora todos dizerem que era a mais bela de todas as aves belas. (...) tanta felicidade nunca sonhei, quando era o patinho feio! (Andersen, 2005, pp.173, 176)

Com este conto a criança sente-se encorajada a não desistir a acreditar na sua força interior, a não se deixar vergar face aos obstáculos. A acreditar que lutando, ultrapassando dificuldades se consegue um bom resultado. Com este conto talvez a criança amadureça, sobretudo para uma adolescência onde regra geral se sente emparedada pelo seu físico, pela sua aparência, empolada, esta preocupação pelas constantes mensagens de “corpo e rosto perfeitos”.

A Rainha da Neve:

Ora ouve! Vamos começar! Quando estivermos no fim da história, saberemos mais do que sabemos agora, pois era um duende mau! Era um dos piores, era o “diabo”! (...) fizera um espelho que possuía a qualidade de que tudo de bom e bonito que aí se espe- lhava, se sumia em quase nada, (...)quiseram então voar para o próprio céu, para faze- rem troça dos anjos e de Nosso Senhor. (...) então tremeu o espelho tão terrivelmente nas suas nas suas caretas que lhes saltou das mãos e caiu em baixo na terra, onde se desfez em cem milhões, biliões e ainda mais de estilhaços, e então foi precisamente maior a desgraça do que antes, pois muitos estilhaços não chegavam a ser maiores do que um grão de areia e estes voaram à volta do vasto mundo e, onde estavam (...) algumas pessoas apanharam mesmo com uma pequena lasca no coração, e então foi bastante cruel: o coração tornou-se-lhes como um pedaço de gelo. (Andersen, p. 183)

Remete-nos para aspectos menos positivos do ser humano: inveja e ciúme. A criança vê-se muitas vezes “consumida” pela inveja e nem sempre sabe lidar com isso, por vezes, os próprios pais sentem-se impotentes e perplexos perante tais sentimentos (Klein, 1984).

Os contos de Andersen, pouco nos ensinam sobre a sociedade de massas, mas talvez por isso sejam imortais, não nos ensinam a viver num determinado tempo, nem num determinado contexto, ensinam-nos antes a fazer o que podemos com o que temos. Ou seja, deixa-nos mergulhar em verdades universais, que nem por sê-lo são faladas, vivendo quiçá mais recal- cadas do que há séculos atrás. Escondidas atrás de filas de transito de cartões de credito e da escassez de tempo para o outro e para olharmos dentro de nos próprios, assim entendemos.

Dessas verdades temos uma que ultrapassa os limites do tempo e as barreiras culturais e de classes sociais- referimo-nos a morte. A morte é referida nos contos de Andersen, de um amaneira “brutal” mas real e integradora, pensável e inteligível.

A luta entre Eros e Thanatos – pulsão de vida e pulsão de morte – é o que garantiria a manu- tenção da evolução da espécie humana. (Freud, 1920).

Deparamo-nos com a criação literária de Andersen e com a criação teórico-clínica de Freud como produções que os retornaram às origens do ser, ao desamparo que marca cada nasci- mento e cada estado do ser humano no mundo, aproximando-o do limite da existência – não existência. (Parreiras, 2005).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando eu disse ao caroco da laranja, que dentro dele dormia um laranjal inteirinho, ele me olhou estupidamente incrédulo” *Hermógenes*.

Parece-nos que existe muito “material” pedagógico nos 150 contos de Andersen, algum, eventualmente por explorar, outro tanto explorado quiçá sem nos darmos conta, quando ino- centemente lemos um conto de fadas a uma criança. A verdade, é que as histórias de contos de fadas passam de geração em geração e resistem ao avanço tecnológico, tendo sido alguns deles aproveitadas pela industria do cinema. Diríamos que são eternos, talvez porque eternos são os conflitos com que o homem lida desde o nascimento até à morte.

A vida é marcada não apenas por aspectos positivos, mas também por aspectos negativos. A Eros opõe-se Thanatos, a criança lida com dilemas existências desde o nascimento, com sentimentos como a inveja o ciúme, a perda e o ganho. A sociedade tem tendência a escon- der tais realidades da criança, fazendo-a acreditar que tudo é bom e olhando-a como se ela (criança) fosse vazia de emoções negativas, não permitindo que desta forma a criança as trabalhe e as ultrapasse sem tabus. (Freud, 1920, 1926, 1930).

Os contos de fadas permitem de forma motivante, um espaço onde a criança se reencontra na realidade, a boa e má, sem que com isso perca a sua inocência e esperança no mundo. A imaginação faz-nos falta, pois o mundo nem sempre é bom ou mau, mas sobretudo bom e mau. Existem sentimentos contraditórios, angústias, desejos, instintos de vida e de morte, sentimentos de altruísmo e de inveja, o importante é não nos deixarmos dominar pelos maus, e potenciar as qualidades de cada um, respeitando a diferença e a unicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andersen, A. C. (2005) *Historias e Contos Completos*, Ed. Gailivro.

Bettelheim, B. (1999). *Psicanálise dos contos de fadas*. Bertrand Editora.

Dal, E (2001). Introdução ao livro: *Andersen – Histórias e Contos Completos*. Porto, Gailivro, pp. 9-10

Duarte, S., (2000). Prefácio ao livro: *Andersen – Histórias e Contos Completos*. Porto, Gailivro, pp. 11-16.

Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Edição Standard das Obras Completas, volume XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1988.

Freud, S. (1926). *Inibições, sintomas e angústia*, Edição Standard das Obras Completas, volume XX, Rio de Janeiro: Imago, 1988.

Freud, S. (1930). *O mal estar da civilização* Edição Standard das Obras Completas, volume XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1988.

Hans Christian Andersen – 2005 – [Em linha]. Disponível em: <http://pt.hca2005.net> [Consultado 10/06/2005].

Hans Christian Andersen Foundation [Em linha]. Disponível em: <http://pesquisa.sapo.pt/?q=hans%20christian%20andersen%20foundation> [Consultado em 7 de Maio de 2005].

Hans Christian Andresen Museum [Em linha]. Disponível em: <http://www.odmus.dk/andersen/rundtur/Index.aspx?lang=uk>, [Consultado em 7 de Maio de 2005].

Klein, M. (1984). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

Lifton, R. J. (1979). *The broken connection: On death and the continuity of life*. New York, Simon & Schuster.

Myliuus, D. J. (2005). The Life of Hans Chistian Andersen. Day by Day. [Em linha]. Disponível em http://www.andersen.sdu.dk/liv/tidstavle/vis_e.html?date=1875-08-04&kvartal=3&mark=1468&sord=death#23-. [Consultado em 10/06/2005].

Parreiras, N. (2005). *A pequena vendedora de fósforos e seus sonhos desenhados em nuvens*. Consultado através do sítio: <http://www.cbp-rj.org.br/rev2000fosforos.htm> (em 7 de Maio de 2005).